

**CENTRALIDADE REGIONAL E NOVOS ARRANJOS
TERRITORIAIS NA CIDADE DE MONTES CLAROS/MG**

*CENTRALITY REGIONAL AND NEW ARRANGEMENTS REGIONAL
AUTHORITIES IN THE CITY*

Anete Marília Pereira
Iara Soares de França
Isabella Cristina Cordeiro da Silva

Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes
Laboratório de Estudos Urbanos e Rurais
laeur.unimontes@gmail

RESUMO

As dinâmicas dos espaços urbanos se expressam por diferentes níveis de centralidade e, por essa razão, extrapolam a escala intra-urbana redefinindo as redes regionais. Partindo dessa premissa, no presente artigo propomos uma análise da relação entre a estruturação urbana e a expressão da centralidade da cidade de Montes Claros. O estudo revela que há um reforço à concentração dos meios de consumo coletivos em Montes Claros, fato que reafirma a sua posição como pólo regional. Como parte desse processo, o território intra-urbano é modificado e, por sua vez, modifica as lógicas de reprodução da própria cidade. Diante do exposto, verifica-se o surgimento das especializações sociais e funcionais dos espaços, seja na forma de incremento e adensamento de determinados elementos, realocação de atividades produtivas, novas estratégias de incorporações urbanas ou novas práticas de consumo.

Palavras-Chave: Cidade. Território. Centralidade. Região.

ABSTRACT

The dynamics of urban spaces are expressed by different centrality levels and, therefore, go beyond the intra-urban scale redefining regional networks. From this premise, in this paper we propose an analysis of the relationship between urban organization and expression of centrality of the city of Montes Claros. The study reveals that there is a reinforcement in concentration of collective consumption means in Montes Claros, a fact that reaffirms its position as a regional hub. As part of this process, the intra-urban territory is modified and, thus, modifies the logic of reproduction of the city. Given the above, it can be seen an emergence of social and functional specialization of spaces, whether in the form of increase and consolidation of some specific elements, relocation of productive activities, new urban incorporation strategies or new consumption practices.

Keywords: City. Territory. Centrality. Region.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de um esforço reflexivo que intenta compreender os novos arranjos territoriais que se processam no espaço intra-urbano de cidades médias, tendo como estudo de caso Montes Claros, localizada no Norte de Minas Gerais. Tal reflexão encontra-se centrada nas implicações e transformações que se dão na organização espacial dessa cidade decorrentes da dinâmica econômica, haja vista seu papel de pólo regional e as articulações que realiza com outros centros urbanos. Isso implica em considerar as formas como as atividades econômicas, principalmente o setor de serviços, vêm se organizando espacialmente e como isso cria novos territórios na cidade. O estudo dessas alterações espaciais é de fundamental importância tanto no que tange a compreensão de novas formas de reprodução do capital (novas formas de comércio e dos serviços urbanos modernos), bem como para identificar as tendências do crescimento urbano.

Não há como negar a importância da cidade na atualidade, uma vez que ela consolida-se como centro de comando para a economia capitalista. Dessa forma, ela denota na sua organização socioespacial a lógica capitalista, produzindo e reproduzindo espaços hierarquizados, fragmentados, deixando evidente em seu tecido urbano uma desigual disposição de bens, serviços e grupos sociais. Entender a organização espacial intra-urbana, que se apresenta paradoxalmente articulada segmentada, representa um desafio.

Diante do exposto, Santos (2008) propõe uma forma de análise do espaço a partir da articulação de “processo, função, estrutura e formas”, no intuito de abarcar a totalidade. Segundo esse autor

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por estruturas representadas por relações sociais que estão acontecendo diante dos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. (SANTOS, 1980, p. 122).

Tal assertiva se aplica ao caso em tela, pois para compreender a dinâmica das cidades é importante considerar a interação entre esses elementos estruturantes, lembrando que é a sociedade no decorrer de sua história que edifica as formas e define as funções de determinado espaço. Como resultado, cada cidade constitui um espaço complexo e cheio de contradições, pois as variáveis necessárias à sua (re)produção abarcam todo o sistema de produção e a rede de consumo, numa relação estreita com a região. Assim, estudar uma cidade identificada como média, como é o caso de Montes Claros, implica uma análise das relações, fluxos e processos que condicionaram a sua produção, bem como o seu papel regional. Da centralidade que ela exerce na região decorre uma série de alterações no espaço intra-urbano conduzindo a expansão da malha urbana, a descentralização, a modificações na estrutura urbana, a formação de “territórios” especializados para atender à demanda local e regional, entre outros.

CENTRALIDADE REGIONAL E O INTRA-URBANO

Antes de tratar do caso de Montes Claros é importante delimitar o campo conceitual de alguns termos aqui empregados. Por “centro”, entendemos uma forma, uma delimitação. Já a ideia de “centralidade” remete a uma função, uma significação e uma simbologia. Assim, centro e centralidade têm de ser vistos como tendências, como categorias para análise da complexidade atual. Concordamos com Pereira (2001, p.39) quando afirma que

[...] a centralidade é redefinida continuamente, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos fluxos que se desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das idéias e dos valores. A relação entre centro e centralidade, como a distinção entre esses conceitos faz-se necessária. Ambas se definem através de dinâmicas propulsionadas por determinantes objetivas, como as possibilidades de mercado dadas por uma localização qualquer, mas, por outro lado, resultam também de determinantes subjetivas, definidas através dos conteúdos simbólicos produzidos historicamente ou de signos forjados pela lógica de mercado.

Nessa mesma linha de raciocínio Whitacker (2007, p.2) lembra-nos que

[...] para se compreender a constituição da centralidade, são os fluxos os elementos determinantes, muito mais que a localização. Esses fluxos são incrementados pelas comunicações e telecomunicações que são traduzidas em trocas, decisões, gestão, controle e irradiação de valores. A dinâmica de concentração e dispersão cria e recria centralidades que irão ocupar e valorar diferentemente e diferencialmente territórios no tecido urbano e na dimensão da rede urbana e se traduzem em segmentação de usos e não usos e na fragmentação socioespacial.

Assim, para falar de uma centralidade exercida por uma cidade no âmbito regional é preciso levar em conta diferentes temporalidades e espacialidades, bem como os interesses políticos sociais e econômicos, tanto das elites locais e regionais, como da população. Num determinado momento histórico a centralidade pode ser exercida por uma cidade, mas isso não significa que essa situação vai perdurar indefinidamente, haja vista as transformações cada vez mais rápidas que se dão em tempos de globalização.

Sabemos que é propriedade tanto dos espaços urbanos quanto de seus territórios se modificarem ao longo do tempo, seja por fatores externos ou internos. Ao longo da história podem ser assinalados vários casos onde certas localidades perderam sua importância e tantos outros onde novas dinâmicas econômicas e/ou sociais surgiram.

Montes Claros pode ser citada como exemplo de cidade de pequeno porte que se transformou em cidade média e hoje é reconhecida como centralidade do Norte de Minas. A sua posição de centro regional desponta no final do século XIX, mas só se consolida no início do século XX, pois até então Januária e, posteriormente, Pirapora eram os centros mais importantes da região. A centralidade de Montes Claros passou a existir quando ocorreu a instalação de infraestruturas, principalmente aquelas voltadas à circulação de recursos humanos e materiais, isto é, quando foram construídas estradas interligando-a a diversos municípios e instalou-se nela uma diversidade de serviços. Isso contribuiu para que a cidade ocupasse uma posição de destaque na região norte

mineira como centralidade capaz de influenciar e reger os municípios num raio que abrange mais de 200 km.

Para compreendermos o contexto regional e as relações externas de Montes Claros, precisamos pensar a especialização funcional do centro principal, no que se refere aos serviços e comércio de maior alcance financeiro e geográfico, bem como a situação dos centros menores, que possuem serviços de menor densidade e alcance. Os limites que podem possibilitar essa análise encontram respaldo no cruzamento de dados demográficos, sociais e econômicos. O tamanho populacional é um elemento de análise considerado importante nesse tipo de estudo, haja vista que quanto

[...] maior o tamanho demográfico e mais complexas as atividades econômicas, particularmente as funções urbanas, mais fragmentada e, por conseguinte, mais articulada será a cidade. É neste *continuum* que vai de minúsculos núcleos de povoamento às cidades globais, que se inserem as cidades médias, um tipo de cidade caracterizado por uma particular combinação de tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano. (CORRÊA, 2007, p. 24-25)

Conforme esse pressuposto, Montes Claros se individualiza como cidade média no Norte de Minas, sendo a única com população superior a 100 mil habitantes. Em 2010, o censo do IBGE constatou a presença de 344.427 pessoas, número que corresponde a aproximadamente 96% da população total do município. Com economia de base agropecuária até meados dos anos de 1970, a cidade foi local da implantação de indústrias, nos moldes da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e, no final dos anos de 1990, com o arrefecimento dos investimentos industriais, a economia urbana passou a ter como base o setor terciário. Hoje este setor é o principal responsável pelo papel regional de Montes Claros.

Além do comércio, o terciário agrega o setor de serviços, caracterizado pela prestação de assistência ou a realização de tarefas, as quais contribuem para a satisfação das necessidades individuais ou coletivas de outro modo que não seja pela transferência da propriedade de um bem material. Fazem parte desse ramo o turismo, os serviços financeiros, jurídicos, de informática, comunicação, engenharia, auditoria, consultoria, propaganda e publicidade, seguro, corretagem, transporte e armazenagem, além das atividades públicas e privadas de defesa, segurança, saúde e educação, dentre outros.

Na composição da economia de Montes Claros o comércio e os serviços despontam como as atividades mais importantes. A cidade produz bens e serviços, possuindo uma infraestrutura de suporte que, por sua vez, permite os fluxos mais diversos com as cidades da região. Conforme mostra a figura 1, o setor terciário representa a atividade mais expressiva na composição do produto interno bruto (PIB) municipal.

Figura 1: PIB Montes Claros - Valor adicionado bruto por atividade econômica - 2012

ATIVIDADE	VALOR (R\$)	%
Agropecuária	146.124.000	2,70
Impostos	611.254.000	11,50
Indústria	1.085.535.000	20,3
Serviços	3.492.133.000	65,5

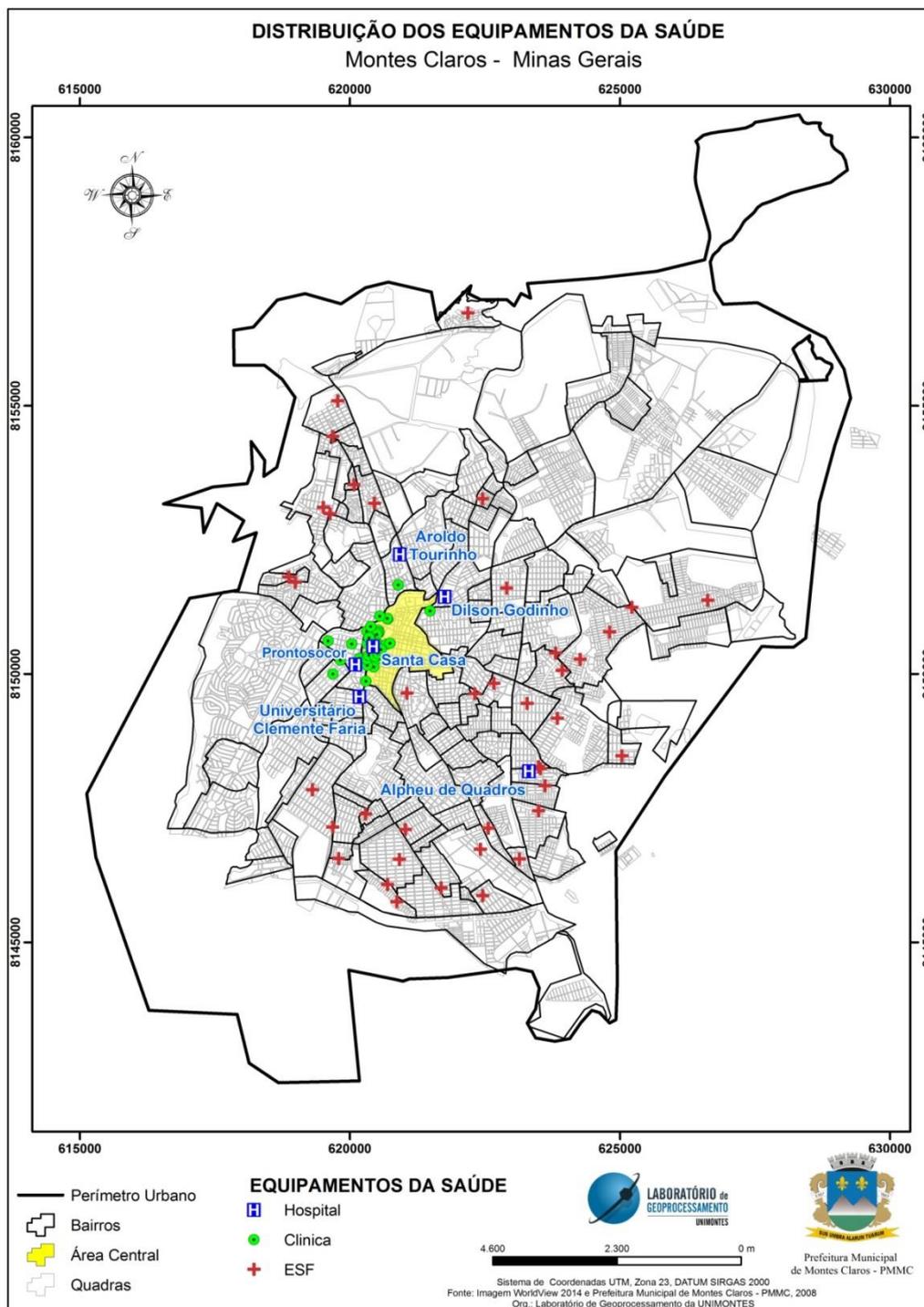
Fonte: IBGE, 2014

Dentre as atividades que movimentam o setor terciário na em Montes Claros destacam-se o comércio, a educação, a saúde, as telecomunicações, a informática e o transporte. Esse setor apresenta-se bastante complexo e dinâmico, bem como desenvolvido e diversificado. A pujança de suas atividades econômicas reforça a centralidade intra e interurbana de Montes Claros. Podemos analisar essa rede de serviços diversificados como objeto técnico inserido no tecido urbano, ocupando parcelas do solo como equipamento urbano e, por isso, possui papel fundamental no processo de estruturação da centralidade urbana.

Alguns espaços na cidade concentram uma maior quantidade e variedade de atividades que concedem a eles um maior poder de articulação. Obviamente tais espaços possuem uma atratividade maior, geram e mantém diversos fluxos, seja de capital, pessoas, ideias ou mercadorias, constituindo uma centralidade urbana.

Destacaremos aqui, como exemplo, o serviço de saúde que possui expressiva demanda, incluindo atendimento médico especializado, hospitais, clínicas, laboratórios e serviços afins. Além da localização desses serviços, os aspectos ligados aos movimentos sociais, circulação de pessoas, mercadorias ou informações devem ser considerados quando estamos abordando a relação cidade e região. A esse respeito, Guimarães (2001, p. 157) considera que a rede de saúde “[...] não se trata só de uma rede de equipamentos conectados, mas de um conjunto de atores sociais que a freqüentam em busca de um objetivo ou para cumprir uma tarefa bem localizada territorialmente”. Nessa perspectiva, podemos mesmo falar de um território da saúde na cidade de Montes Claros, devido à organização e à existência de serviços médicos especializados e uma rede de hospitais e clínicas interligadas, sendo referência regional. Areladas ao sistema de saúde, encontramos também empresas de seguro saúde, redes de farmácias e drogarias, lojas e magazines, especializadas na venda de artigos de diferentes origens. A figura 1 mostra a distribuição desses serviços no espaço intra-urbano, denotando uma desigualdade, com a concentração hospitais e clínicas na área central, enquanto as áreas periféricas possuem pontos de atendimento do Programa Saúde da Família.

Figura 1: Distribuição de Equipamentos de Saúde em Montes Claros - MG



Também no serviço educacional, em todos os níveis de ensino, a cidade é referência na região. Também a espacialização desse serviço mostra uma concentração de instituições de ensino superior e escolas privadas de ensino básico na área central e sudoeste da cidade. A trama social e espacial vinculada ao setor educacional cria, de forma cada vez mais contundente, uma série de mudanças econômicas e sociais com reflexos diretos na organização de outras atividades a ela associados, como o mercado imobiliário, os restaurantes, o comércio, o lazer, dentre outras

Sem nos deter na explicitação de cada fator que torna a cidade atrativa, seja para morar, trabalhar, estudar ou consumir a variedade de produtos e serviços que ela oferta, entendemos como necessário mostrar algumas consequências dessa centralidade

regional na organização intra-urbana. É sabido que o aumento da população urbana, seja a residente ou a flutuante, exige a melhoria na infraestrutura viária, na mobilidade e acessibilidade urbana, na oferta de serviços básicos, nas condições de moradia, entre outros. Com Montes Claros não seria diferente, sendo que o dinamismo enquanto centro regional produz territórios especializados, cria novas demandas, satura a já precária infraestrutura e exige novos posicionamentos da elite política local. Além disso, verifica-se a expansão físico-territorial, a formação de novas centralidades via *shopping-centers*, subcentros e áreas especializadas, a marca da desigualdade na apropriação do solo urbano pelos condomínios horizontais, construções verticalizadas e favelas, elementos importantes na organização espacial atual da cidade.

A análise das dinamicidades orientadoras das reestruturações do espaço intra-urbano encontra respaldo nos processos espaciais de centralização, descentralização, coesão, dentre outros. Para Sposito (2001, p.242), o processo de descentralização e, conseqüentemente, a formação de novas centralidades se expressa

[...] através da emergência de eixos de desdobramento do centro principal, através da alocação de atividades que antes se restringiam territorialmente ao centro principal da cidade, nas avenidas de maior circulação de veículos. A emergência desses eixos constitui-se em primeira expressão da **complexificação** da centralidade intra-urbana. (Grifo do autor).

O processo de descentralização associado à emergência de novas centralidades têm se manifestado em Montes Claros a partir dos subcentros de comércio e serviços, *shopping-centers*, supermercados, eixos comerciais diversificados e vias especializadas em comércio ou serviços. Essas últimas se dão com forte grau de especialização de atividades terciárias em algumas vias do espaço intra-urbano como é o caso da Avenida Dulce Sarmento, especializada em produtos e serviços automotivos.

Ao contrário da cidade monocêntrica da década de 1980, hoje Montes Claros possui vários subcentros, apesar de manter a funcionalidade de seu centro tradicional. Verificamos que alguns bairros periféricos deixaram de ser totalmente dependentes dos serviços ofertados pelo centro. O bairro Major Prates, por exemplo, possui uma gama de atividades comerciais (farmácias, supermercados, postos de gasolinas, entre outros), escolas, serviços de saúde, que atendem seus moradores e aqueles de bairros adjacentes. As pessoas agora têm a comodidade de ter ao seu alcance diversos serviços antes só encontrados no centro.

Os *shoppings centers* também demonstram a descentralização da cidade em função, dentre outros fatores, da centralidade regional. Atualmente a cidade abriga quatro desses pólos comerciais, sendo eles o Shopping Montes Claros, Shopping Popular, Shopping Ibituruna e o Shopping Catopê. Um dos primeiros indicadores de descentralização da cidade de Montes Claros foi a construção do Shopping Montes Claros fora da área central da cidade, em 1997.

Apesar da dinamicidade nos aspectos econômicos, o quadro social e de infraestrutura da cidade apresenta questões típicas da região na qual está inserida. Grande é a parcela da população excluída, a informalidade também é crescente e a demanda por moradia e serviços básicos também aumenta a cada dia. Problemas relacionados ao trânsito, à criminalidade e à pobreza constituem outras possibilidades de análise, denotando territórios específicos dentro da cidade.

Também as construções verticais e mesmo os condomínios horizontais, em contraposição aos aglomerados subnormais, são realidade na nova organização

socioespacial de Montes Claros. Construções verticalizadas são uma maneira de várias pessoas habitarem uma pequena área, sendo assim possível solução para a crescente demanda por moradias na cidade. Já os aglomerados subnormais se apresentam como produto da ausência de recursos de uma parcela da sociedade e de um desordenado crescimento urbano oriundo principalmente, dos movimentos migratórios. Tanto um quanto o outro criam territórios marcados pela desigualdade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No texto ora apresentado nos ocupamos em abordar uma primeira aproximação entre a questão da centralidade regional exercida por Montes Claros e as modificações intra-urbanas, notadamente aquelas relacionadas com a dinâmica econômica. Pudemos constatar desse modo, que a cidade é irradiadora de alguns serviços como os de saúde e educação. O dinamismo do terciário alterou a estrutura da cidade, que passa pelo processo de criação de novas centralidades, com o surgimento de subcentros e vias especializadas.

Precisamos lembrar que apesar dessa dinamicidade que em Montes Claros, a exemplo de outras cidades brasileiras, a produção da riqueza material está assentada fortemente num perfil concentrador de renda. A cidade se apresenta como um mosaico onde se articulam diferentes espaços com dinamismo econômico e forte peso das desigualdades em sua configuração territorial.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B. (org.) *Cidades médias: Espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FRANÇA, I. S. de. *A cidade média e sua centralidade: o exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. 2007. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

GUIMARÃES, R. B. Saúde urbana: velho tema, novas questões. *Terra Livre*, São Paulo, n. 17, p. 155-170, 2. semestre 2001.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 2014.

PEREIRA, S. R. *Sub-centros e condições de vida no Jardim Bongiovani e conjunto habitacional Ana Jacinta - Presidente Prudente - SP*. 2001. 194 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente/SP, 2001.

RIBEIRO FILHO, Vitor. A área central e sua dinâmica. In: *Revista Sociedade & Natureza*. v. 16. p. 115-167, 2004.

ROCHEFORT, Michel. *Redes e sistemas: ensinando sobre o urbano e o regional*. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. *Manual de geografia urbana*. São Paulo: EDUSP, 2008.

SPOSITO, M. E. B. *Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média*. Presidente Prudente: UNESP, 2001.

WHITACKER, M. Inovações tecnológicas, mudanças nos padrões locacionais e na configuração da centralidade em cidades médias. Porto Alegre. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA. 9. *Anais...* Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 28 jun. 2007. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/9porto/arthur.htm>>. Acesso em jul. de 2007.